



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Cristiano Mello Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

orcid.org/0000-0002-7324-7798

crisliteratura@yahoo.com

*As contribuições sociais na obra *O Turista Aprendiz*, de Mário de Andrade*

*RESUMO: A obra *O turista aprendiz* foi elaborado entre os anos de 1928 e 1930, em forma de diários de anotações e crônicas de viagens. Em um primeiro momento, o escritor paulista publicou originalmente esses escritos no jornal *Diário Nacional*, nas mesmas datas. No entanto, a publicação oficial do livro saiu após os textos serem publicados no jornal, em edição organizada por Telê Ancona Lopez, quase cinquenta anos adiante, em 1976. O objetivo do artigo é ler e interpretar os fragmentos que comprovam a aproximação de Mário de Andrade com o lastro social. Como contributo, a investigação realizada busca um panorama das “contribuições sociais” deixadas nas suas crônicas. Como lastro teórico, dialogaremos com os autores: Candido (2000); Lopez (1972); Santiago (2006), dentre outros para a contemplação do tema.*

Palavras-chave: Contribuições Sociais, Crônicas de Viagens, O Turista Aprendiz, Mário de Andrade.



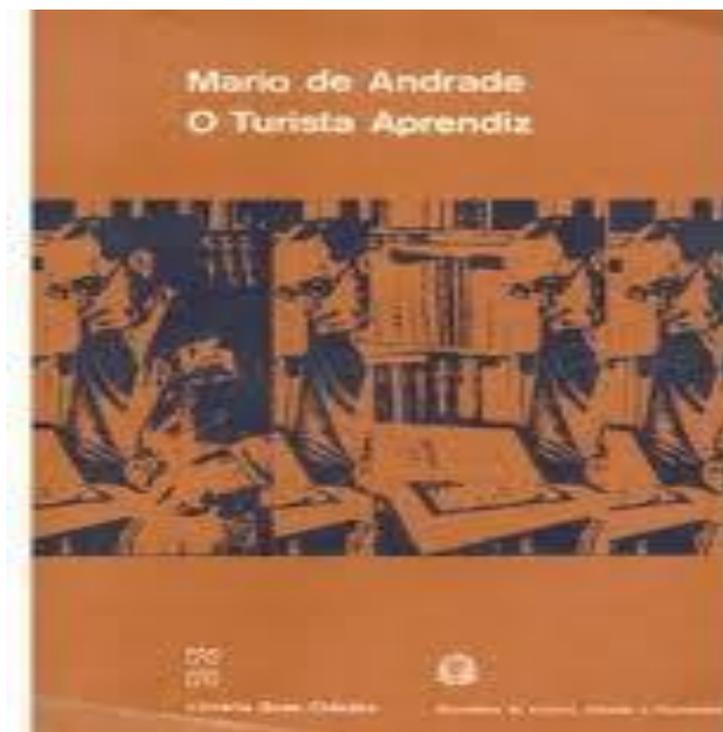
ALGUNS PRESSUPOSTOS

O presente trabalho propõe averiguar como os procedimentos textuais utilizados pelo escritor modernista Mário de Andrade para compor o romance-diário *O Turista Aprendiz* se aproximam de uma linguagem próxima do povo. Na dissertação de mestrado, defendida em dezembro de 2011, tivemos a oportunidade de averiguarmos como a chave de leitura proposta pode ser operada como funcionamento interpretativo auxiliar do texto. Defendemos que Mário de Andrade, ao se aproximar do povo, gerou inúmeras contribuições sociais aos leitores dos seus textos. É sabido que durante suas investigações no Norte e Nordeste brasileiros, as quais ele teve a chance de percorrer, tiveram muito mais um papel cultural do que preocupação com o social. No entanto, isso ocorre pelas variadas circunstâncias, ou seja, de maneira relativa, o escritor paulista acabou, ocasionalmente, modificando as distintas injustiças sociais que malogravam as esperanças daquele povo ao qual ele representou através de seus escritos. Basicamente, desejamos atestar como alguns fragmentos selecionados interagem com alguns teóricos selecionados durante a nossa pesquisa.

Devemos salientar que a obra *O turista aprendiz* foi elaborado entre os anos de 1928 e 1930, em forma de diários de anotações e crônicas de viagens. Em um primeiro momento, o escritor paulista publicou originalmente esses escritos no jornal Diário Nacional, nas mesmas datas. Nessa mesma época, Mário quase concomitantemente desempenhou a função de redator instantâneo sobre esses escritos e os enviou ao próprio jornal. No entanto, a publicação oficial do livro saiu após os textos serem publicados no jornal, em edição organizada por Telê Ancona Lopez, quase cinquenta anos adiante, em 1976.ⁱ Por outro lado, o texto da obra *O turista aprendiz* é apresentado estruturalmente como gênero híbrido, muito próximo ao do diário de viagens (documento histórico e literatura), e na época em que foi publicado, foi muito criticado por apresentar caráter fragmentado, assim como frases indecisas e sem subordinação, pouco definidas, e estrutura interrompida,ⁱⁱ que aqui se permite chamar de irrupções circunstanciais do vaivém dos intervalos da escrita.ⁱⁱⁱ

A obra *O turista aprendiz* não possui capítulos formalizados, numeração de sequências ou divisão de

textos que possam remeter à ideia de um livro programado.^{iv} A separação dos episódios e a mudança de localidades são realizadas à medida que Mário vai registrando dia após dia, durante a viagem, ou seja, a sequência temporal utilizada pelo escritor paulista se encarrega de conduzir e direcionar o leitor aos acontecimentos e às viagens. Uma interessante digressão se faz necessária: se levássemos em conta o indexador da obra, teríamos a respectiva classificação ou a projeção de seu gênero: “Brasil: Descrição e viagens”; “Brasil: Folclore”; “Diários: Literatura brasileira”.^v Por fim, mas não menos importante, a própria capa da obra produzida pela Livraria Duas Cidades, editora de *O turista aprendiz*, no ano de 1976, estampava o escritor paulista folheando um livro com os seguintes dizeres: “Art Populaire”, o que inexoravelmente assegura uma dimensão mais popular e mais social daquilo que buscamos defender ao longo deste artigo.



(Figura 1: Capa do livro: ANDRADE, Mário. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.)



Por outro lado e ainda sobre a materialidade da composição da obra *O turista aprendiz*, o sumário elaborado por Mário aparenta as normativas de um livro de viagem padrão. As etapas de viagens, aproveitadas como títulos, com as datas e os nomes das cidades, são inseridas como fator de organização e localização para o leitor menos experiente no assunto. O prefácio somente seria escrito dezesseis anos adiante, acompanhado das páginas e intitulado: “49 Prefácio”; “51 São Paulo, 7 de maio de 1927”, e assim respectivamente.^{vi} A única desvantagem é que o escritor paulista pouco menciona os temas abordados, como títulos ao longo de seu texto. Mesmo assim, a variedade temática abordada em quase todas essas crônicas foi limitada, pois, por mais que Mário buscasse “dar conta” da maior quantidade possível de informações, através de sua voz enunciadora e representativa, não conseguiu abordar cada uma dessas crônicas com o mesmo interesse e dedicação. Possivelmente, ao tomar consciência de que desejava publicar a obra em forma de livro, o escritor paulista tivesse providenciado a elaboração do sumário posteriormente. Portanto, a maior parte dos títulos dessas crônicas que são estabelecidas no sumário contém apenas a data da localidade visitada, impedindo assim, por parte do leitor, melhor compreensão da cidade abordada.

É difícil fugir da tentação de investigar as crônicas de Mário de Andrade no livro *O turista aprendiz*, pois o autor, mentor de uma criatividade de nação brasileira, mesmo nos expedientes árduos que mantinha na posição de intelectual polígrafo e renomado, soube dar originalidade a seus escritos e registros. Essa constatação do potencial expansivo de sua redação, redigida em forma de crônicas de viagens na obra *O turista aprendiz*, denota o entusiasmo visceral da paixão pela literatura e pela representação do povo no período em questão. É possível depreender uma maneira peculiar de canalizar todo repertório cultural que se integra, de forma amistosa e solidária, ao escrever o Brasil pelo todo que significava naquela época. Por esse motivo e viés, Mário de Andrade busca, a partir de sua aproximação com o social, elaborar e fermentar, tanto no documento como na ficção,^{vii} o reflexo de seus dizeres que

perpetuam e sintetizam sua maneira de enxergar e representar esse imenso Brasil. Para plasmar essa substância e sociabilidade intelectual peculiar do escritor paulista, concomitantemente, convergência e divergência de formas artísticas prolíficas, formas que estavam entrando e saindo da polêmica o tempo todo, não hesitamos em experimentar situações densamente genéricas que pudessem salientar a problemática maior encontrada entre sua razão e sua emoção, destacadas como alicerce de seu caráter, quase sempre polêmico. Em suma, podemos verificar um Mário preocupado com as justificativas de uma vanguarda intelectual social que mesclasse autonomia e razão, para lutar pelos projetos de criação e de nação.



Uma aproximação do social por meio das crônicas de viagens da obra *o Turista Aprendiz*

Conjecturamos que as crônicas de viagens da segunda parte da obra *O turista aprendiz* podem ser lidas como um grande ensaio sobre a problemática trabalhista entre patrão e proletário, no Nordeste da primeira metade do século XX do Brasil contemporâneo, e documentam, ao olhar *in loco* do escritor paulista, as distintas passagens que ele visitou de cidade em cidade. Cabe lembrar que nossa intenção não é fazer um profundo mapeamento histórico ou arqueológico textual sobre o assunto, mas rastrear os possíveis liames produtivos do perfil aproximativo de Mário para com o povo. Ora, esse olhar foi posteriormente trabalhado e questionado em forma de representação literária, pelos escritores da década de 1930.^{viii} O crítico e também o leitor mais atentos podem notar vários paralelos evidentes nas obras *Vidas secas*,^{ix} de Graciliano Ramos, e *A bagaceira*,^x de José Américo de Almeida. Ainda, é possível direcionar nosso olhar para *O quinze*,^{xi} de Raquel de Queiroz, especificamente, no que tange às migrações internas. A safra de romances sociais já antecipava uma tendência natural na direção da humanização dos indivíduos, a partir da quebra da opressão, das migrações internas, do achatamento dos homens, enfim, uma série de características comuns e paradoxais. As contradições

apontadas por Mário e posteriormente por esses escritores seriam as mesmas: a exploração do homem pelo homem era



o paradoxo concentrado na região Nordeste do Brasil, não foi inventada ou criada nas linhas de outras obras literárias, mas reinventada e recriada, segundo as normas da arte literária, que ousava representar os grandes paradoxos da nação. Portanto, os direcionamentos dessas obras literárias são quase distintos, mas os olhares sempre buscam remeter ou colocar em xeque as incipientes transformações da indústria e da precoce vontade de trabalhar daqueles que não tinham escapatória, para uma vida melhor e mais digna.

No decorrer desses fragmentos das principais crônicas de viagens, recheados de episódios do folclore e da representação da vida desse povo, Mário criou um grande mosaico, com inúmeros tipos e estereótipos da sociedade do Nordeste brasileiro, que deixou inúmeras passagens de idas e vindas entre homens e mulheres. Fisionomia quase arquetípica da população dessa região: “O indivíduo, 99 por cento das feitas, é baixote e bem encordado. Cor de fumo, acharutada, cabelo liso, frequentemente sarará, não raro dentes bons,”^{xii} descreve Mário, no dia 01 de janeiro de 1929, buscando retratar os tipos fisionômicos característicos da cidade de Natal. O único problema é que esses variados tipos representados desaparecem quase subitamente, aparentando apenas aquele o frívolo da maneira frenética e tão acostuada a mostrar de forma apressada, como o jornalismo exigia naquela época. Devemos lembrar, como já mencionado, que são crônicas publicadas no diário Nacional de São Paulo, ou seja, uma arte sujeita aos imprevistos do imperfeito e do grau proposital da rapidez das notícias e dos respectivos escritos. Por esse motivo, sem generalizações, variadas pessoas apenas compõem determinado fato ou episódio, mesmo o protagonista não dura muito tempo na pena do escritor modernista.

Trabalhadores rurais, músicos, políticos, artistas de rua, biscateiros, folcloristas, autoridades de época, cantadores, transeuntes ociosos e pequenos comerciantes compartilham e habitam quase o mesmo espaço do grande mosaico desenhado por Mário de Andrade, através de suas palavras imagéticas, em pleno Nordeste brasileiro. Ora, toda essa galeria criativa realiza uma interlocução contagiosa, interagindo com Mário, dialogando com suas inquietudes culturais, perfazendo seus interesses referenciais ou ficcionais. Um exemplo notório dessa galeria popular é a personagem referencial



Chico Antônio, o cantador de cocos, registrado na segunda parte da obra *O turista aprendiz*, que pode ser lido como uma reelaboração de todos os cantadores do Nordeste, que notadamente são recriadores de estilos de expressão do povo em termos condizentes com aspectos do gosto das tradições daquela região. Com base nesse rico inventário de homens, hábitos e costumes, níveis de personalidade distintos, o escritor paulista passa à montagem de um panorama vivo. Bastava misturar nos tubos de ensaio da realidade vivenciada distintas situações e episódios, para produzir suas representações, tanto na referência como na ficção, de formas que já foram apontadas. Exemplo do lado efêmero desses tipos exóticos está na figura e imagem do cantador de cocos chamado Chico Antonio, que é vangloriado em vários trechos, e depois sai rapidamente, sem nenhum desfecho ou despedida. “O coqueiro Chico Antonio que heide celebrar melhor em livro, me aparece, tira uns pares de cocos, arremata a série com o ‘Boi Tungão’ e num improviso de quebrar coração duro, me oferece o ganzá dele,”^{xiii} escreve Mário, no dia 27 de janeiro, no engenho de Cana de Açúcar chamado Bom Jardim em tom de efeito mágico para o aparecimento relâmpago do músico folclorista.

O contexto sócio histórico travado por Mário nas linhas desses fragmentos (crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz*), que analisaremos em linhas posteriores, é comprovadamente marcado pela desumanização, ou seja, pela concepção de Mário ao afastamento do homem, colocando em seu lugar os interesses particulares burgueses e estatais, a serviço, respectivamente, da acumulação de capital e de espaço para implantação de serviços públicos. “Em vez de nomear gente de fora, nomeou nativos, bem integrados na política de cada cidadinha. Assim eles amavam o torrão natal, estavam bem integrados [...]”^{xiv} assevera Mário, em crônica registrada no dia 03 de julho, indignado com os privilégios destinados à causa pública. A constatação e as consequências disso são amplamente pervertidas, tendo em vista o senso crítico estabelecido nas entrelinhas dos registros de Mário de Andrade. Novamente, tomando de empréstimo as palavras do crítico Antonio Candido: “Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas agindo permitem por sua vez que os indivíduos possam



expressar-se, encontrando repercussão no grupo.^{xv} Candido salienta ao conjunto de vozes que Mário estava disposto a direcionar e canalizar em seus escritos uma possível audiência mútua: *escritor e público*. O resultado dessa perversão notória autoriza, a nosso ver, a conclusão de que a tensão entre os nativos e os donos do capital não foi provocada somente pela ganância no conjunto da matéria-prima, e sim por outros fatores relevantes e que, numa simples interpretação, não apareceram rapidamente. Relativamente, podemos afirmar que tais fatores são demonstrados através de evidências ocorridas a partir da ausência do Estado e da vontade frenética de ganho do capital que, a nosso ver, gera uma perversão um tanto caótica de se controlar, brotando daí a necessidade de reação por parte de Mário e de sua própria denúncia. Por outro lado, na medida que o Estado apresenta seu potencial instinto diante de tanto acontecimento ruim, automaticamente esse mesmo potencial passa a apoiar os donos de capital pervertido e vulgarizado, porque se torna instrumento da própria opressão.

Talvez seja esse o principal motivo ou razão pela qual Mário sentiu plena confiança em desenvolver e redigir suas crônicas, mesclando uma linguagem referencial e, ao mesmo tempo, estética e poética. Justifica o próprio escritor paulista em crônica *Advertência* de 1943: “Crônica não é artigo, nem ficção. Dentro da prosa é a libertação da rigidez do gênero”,^{xvi} ou seja, ao colocar a prosa como aspecto preponderante do gênero, o escritor modernista condiciona um olhar mais livre das amarras conceituais da própria crônica, perfazendo assim uma maneira menos pragmática de trabalhar com a linguagem. As meditações do escritor paulista são, na realidade, das mais originais reflexões entre os consagrados escritores e intelectuais brasileiros sobre as antinomias da revolução proletária. Seu sismógrafo crítico, ao observar tais contradições entre proletários e patrões, acusa um grau de anomalia muito discrepante, já que isso incomoda sua própria perspectiva social de vida. Em suma, por isso, não é falso dizer que certo viés marxista-sociológico vem a realizar o sistema de Mário, a reinventar profeticamente sua visada democrática, na alma e nas letras, no contexto e na política, que exerceu em seus escritos.

Para a crítica Ancona Lopez,^{xvii} as crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz* estão cobertas de análises sociológicas e políticas, porém, segundo a



estudiosa, o escritor paulista não se aprofundou nas relações capitalistas ou latifundiárias. Outrossim, a estudiosa aborda que, quando Mário de Andrade usa o vocábulo “proletário” para caracterizar os mais pobres e oprimidos, ele acaba não evidenciando a devida amplitude semântica que a situação merecia, assim como não explora o papel do proletário na produção econômica.^{xviii} Para Lopez, Mário apenas utiliza esses chavões, mas não realiza algum aprofundamento ou análise mais articulada sobre tal assunto. Concordamos em parte com o juízo formulado por Lopez, já que ela não verifica as outras crônicas que Mário realmente resgatou, ao sondar as possíveis relações das palavras conceituais e suas terminologias com seu uso, assim como seu real entendimento dentro do contexto no qual estava inserido. Por isso, é interessante calibrar essa questão com outros teóricos e confrontá-los, para saber se as devidas posições estão coerentes. É tarefa interessante para outro momento. Exemplo notório disso fica nítido na passagem da crônica do dia 16 de dezembro nas imediações da cidade de Natal: “Casinhas de proletários pobres, não tirando a gente do bem estar. É possível viver nelas”,^{xix} em que Mário intensifica a realidade local. É sabido que vocábulos como “proletário” perdem seu valor semântico à medida que se progride no tempo e no período histórico-sociológico. Portanto, pouco antes de sua morte, em 1945, esse mesmo léxico já teria outra conotação, possivelmente enviesada pelas reformas trabalhista do governo de época.

A escolha desses fragmentos que delinearemos em profundidade adiante é estabelecida em forte aproximação com aquilo que aqui defendemos: *as contribuições sociológicas*, ou seja, uma seleção com certas definições operacionais que condizem com nosso objeto de estudo. Essa justificativa não significa apenas um olhar fechado e isolado, mas sim projetar perspectivas alusivas que também possam elucidar nosso *corpus* de estudo. Tais temáticas clarificam-se, à medida que avançamos em nossa leitura, bem como as devidas interpretações em busca de nosso propósito. Em relação à permanência nessas cidades dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, mesmo quando brevemente Mário consolidou a união afetiva entre o viajante visitante e o anfitrião desejado e curioso, o tempo foi necessário para cumprir à risca tudo aquilo que estava a seu redor, ele montou



uma espécie de ampola do tempo, controlada para não haver tantos prolongamentos. Aliás, o tempo destinado a cumprir todas as formalidades e informalidades na prosa e nas visitas de Mário de Andrade às cidades foi fator indispensável para ele conseguir amalgamar todos os fatos e episódios que aconteceram em suas experiências de viagens.

Não devemos nos furtar que é quase impossível compreender, assimilar, interpretar esses fragmentos das crônicas de viagens, mesmo em parte, se não pudermos observar, na totalidade, as reais circunstâncias históricas às quais elas estiveram submetidas. A maior problemática é reconstruir de maneira certa todos esses fatos e acontecimentos, sem o amparo de uma investigação ou o auxílio de um historiador, como mencionamos no primeiro capítulo. Sabemos que é instigante dar conta de toda essa especulação interpretativa, e isso certamente fortaleceria a pesquisa, no entanto, talvez, essa atitude de levantamento histórico seja tarefa para um estudo mais denso, que tomasse outro viés de leitura e outros objetivos pertinentes ao objeto a ser investigado. Trata-se de tarefa um tanto dispendiosa para aquilo defendemos nos objetivos de nosso estudo. Portanto, deixamos, neste momento, nossa provocação e uma possível lacuna para futuros estudos e possíveis trabalhos de pesquisa.

Sem delongas e rodeios, preliminarmente, vejamos como ocorre esse movimento em uma crônica preliminar a toda trajetória que Mário teve a seu destino de turista improvisado e polivalente, turista e intelectual um tanto preocupado com as condições locais de produção da matéria-prima e fonte de renda dos habitantes. Em uma situação inusitada e sem protocolos, nosso escritor paulista desembarcou próximo à cidade de Manaus, na data de 04 de junho, e investigou uma produção local de mel, buscando tecer comentários curiosos a respeito dessa observação. Aproveitou, dessa forma, as condições da viagem para uma visita espontânea e caracterizada por muita ampliação reflexiva e poética. A crônica faz parte de primeira viagem, no entanto, julgamos necessário e oportuno todo esforço de interpretar e trazer à tona essas questões tão polêmicas. Na citação adiante, notamos que a visão de Mário é crítica e, ao mesmo tempo, de insatisfação para com produção local. As sentenças descritas no fragmento são cobertas

por um olhar preocupado com as condições da suposta escassez da matéria-prima do mel. Vejamos os detalhes:



Não se reproduz tamanha desgraça no Mel do Apuí por causa da torneirinha do Governo. Se abre a torneirinha, pronto: mel pra enjoar. Até diz-que ultimamente o mel estava já rareando, porque as próprias abelhas deram pra não trabalhar mais. Como não têm força pra abrir torneirinha, ficam na boca dela, salvo seja, esperando que um turista chegue, abra a torneirinha para o mel sair. Assim não há colméia que resista.^{xx}

Nesse passo, o escritor paulista utiliza alguns vocábulos imagéticos, para retrabalhar um tema polêmico ao comportamento do governo na época. Dentro dessa embrenhada reflexão, Mário articula o léxico de forma utilitária a seu labor intelectual, para compor e formular os anseios da produção do mel e de suas utilidades diretas e indiretas. Para Mário, cartografar e expor essa situação de produção partiria de uma vontade interna, despreocupada de agradar. Ora, aqui o escritor paulista trabalha a linguagem como se fosse pensamento especulativo, em plena harmonia com aquilo que observou. Talvez, o vocábulo “mel”, que aparece em quase todas as frases, tenha sido utilizado propositalmente como palavra-chave, espécie de metonímia, de toda uma série de produtos que eram vendidos aos estrangeiros, e nada era designado a abastecer a comunidade. Pensando nesses termos, é possível verificar a prosperidade prolífica do pensamento de Mário, visando a atingir outras categorias de análise ou simplesmente envergando seu pensamento para uma profunda dialética. Em propósito, o mel produzido é apenas servido aos estrangeiros e turistas que visitam a cidade. Enquanto isso, os produtores locais ficam “a ver navios”.

Pouco a pouco, podemos verificar que, ao fato de a produção local servir aos estrangeiros, Mário faz uma crítica com “impressionante atualidade”^{xxi} e condizente com as peculiaridades econômicas de nosso mercado interno brasileiro. Isto é, produzimos matéria-prima aos olhos daqueles que chegam de fora, e não valorizamos nosso produto para a venda interna ou o próprio consumo. Mário incorpora a visão de um ambientalista, e parece enxergar nitidamente a secura da matéria-prima, tendo em vista a extração desenfreada. Com efeito, a resistência da colmeia não será eterna, tampouco o mel produzido pelas abelhas. Todo recurso extraído da natureza tem seus dias contados, já que não



existe critério de manejo e controle por parte das autoridades ambientalistas. O único empecilho dessa crônica, a nosso ver, é que o fragmento escrito por Mário carece de um pouco de profundidade em relação às reais circunstâncias que cercam a produção dessa matéria-prima. Esse problema já foi apontado por Ancona Lopez em linhas anteriores. Apesar de Mário desdenhar apenas alguns toques gerais de maior envergadura ao senso comum, sem realizar comentários mais motivacionais, após esse episódio, possivelmente o público leitor de época acabou remetendo autoridade para o alcance dos objetivos propostos, e, junto a isso, adquirir votos de penetração nos problemas do coletivo. Observamos, na concepção de Antonio Candido, como ocorre o reconhecimento da sociedade em relação ao escritor:

À medida que a coletividade vai reconhecendo no criador uma personalidade bem definida, com o direito de se exprimir sem referência bem definida, com o direito de se exprimir sem referência necessária às solicitações do meio, a sociologia vai ficando cada vez menos apta a interpretar a função total das obras. O artista enquanto individualidade criadora lhe escapa em grande parte, para se tornar objeto da psicologia literária e artística.^{xxii}

31

Candido esclarece que os anseios coletivos têm acompanhamento de maneira gradativa, motivando o potencial do escritor, angariando confiança e determinação para suas futuras jornadas intelectuais. A palavra “escritor” utilizada pelo crítico Antonio Candido não seria aquela necessariamente conjugada por seu referencial, mas serve como intuito para que possamos identificar em Mário um viés social condizente com os dizeres do crítico. Ao angariar confiança, o escritor paulista perfez seus escritos em busca de sua força individual, atingindo determinado grau de coletividade, e, junto a isso, em busca de representar todos da melhor maneira possível. Portanto, o autor de *Literatura e sociedade*, sem mencionar nomes ou fazer referências próximas, reforça de forma alusiva a tese de que Mário precisava ganhar o respaldo daqueles que teriam reconhecimento em seu trabalho de intelectual, ou seja, o escritor foi um possível porta-voz dos problemas daquelas sociedades representadas, cujas vozes carregavam todo discurso enviesado de críticas sociais capazes de superar os variados paradoxos de época.

Reticências à parte, com a chegada de Mário ao bairro mais proletário e pobre da cidade de Natal, percebemos



suas inquietudes para descrever em tom realístico a localidade naquela época. Essa realidade ganhou um contexto habitual e bucólico, já que as condições humildes e simples da comunidade propiciavam esse olhar pouco progressista sobre tais cenários e paisagens. O escritor paulista, em tom de nostalgia, abordou as tradições locais e buscou evidenciar que, no ano de 1906, as condições daquele local ainda eram rústicas e o progresso, ausente. Certamente, uma localidade sem pressa de chegar a seu destino de cidade avançada ou moderna. Poucas linhas à frente, na mesma crônica do dia 18 de dezembro às 21 horas, podemos verificar, em fragmento interessante e análogo, a reviravolta do observador paulista em descrever, através de referências, um jogo de diálogos das condições de habitação daquelas pessoas que ele estava representando. Vejamos alguns detalhes:

Pouco adiante a areia empina numa duna secular, já fixa. É o Areal chamado, um morro cheio de casas proletárias alinhadas numa rua bem larga rodando no vento. Por ali moram embarcações, catraieiros, operários das docas. Duma ou outra casa o candieiro vem na porta ver a gente passar.^{xxiii}

32

Significativas, nessas linhas, são as observações geográficas dos morros e dos aspectos climáticos feitas por Mário de Andrade, diante de tanta pobreza e miséria. As variadas referências naturais daquela região são apontadas como algo exótico, que toca a paisagem exuberante e evidencia o olhar desfocado das incertezas da vida. Dessa forma, ao mesmo tempo, podemos perceber o olhar de observador arquitetônico e urbanístico, buscando registrar a forma e a paisagem locais com aquele jogo de poeticidade e sobriedade artística. Ao utilizar a expressão “rodando no vento”, o escritor paulista, sem ter o devido propósito, coincidentemente, remonta uma leitura de condição do efeito do esquecimento, para com aqueles que estavam isolados naquela localidade. Verificamos também que o mesmo vento que sopra expulsa e esquece para trás todos seus dejetos e objetos, ou seja, deixa confusos e amontoados aqueles que não possuem melhor condição de moradia e salubridade. Por fim, o bucólico movimento local impressiona o olhar paulista, cristalizado amarrado com as implicações e perturbações urbanas da *Pauliceia*

desvairada.



Em outro momento, bastante análogo, porém, em distância geográfica maior, percebemos o processo de extração e viabilidade produtiva da fruta caju, qual seja, extração requintada de olhar pragmático ao processo econômico que Mário tanto desejava anunciar. Trata-se de uma situação aprofundada sobre a temática da produção, comparada com os moldes marxistas.

Apesar do tema ser tão inusitado ao escritor paulista, nessa situação, ele age muito bem e aposta numa interpretação por parte do leitor mais diagnóstica e crítica. Ao engrossar a atitude crítica do leitor, o escritor paulista possivelmente discute de forma distinta e profunda toda essa organização, para posteriores formulações. A essa altura, encontramos o escritor paulista na cidade de Natal, no dia 21 de dezembro. Apesar da proximidade de uma data festiva, Mário não deixa de constituir suas formulações marxistas. Ele tece as seguintes considerações filosóficas:

[...] a alimentação caju é conceitualmente um processo de Economia. Fisicamente é um comércio, oferta e procura, compra e venda. O caju é doce, é alimentício, medicina e possui o gosto caju, coisa indescritível e unicamente compreendida por quem conhece o caju das vias-de-fato. E é justamente na sensação de vias-de-fato do caju que está a conceitualidade marxista dele. Abacaxi, manga, abricó, pinha, maracujá, sapota, grumixama, etc. no geral todas as frutas são muito dadas. Se entregam por demais. Caju não: o prazer singular dele está na espécie de interfagia, me desculpem, de entrecomilança, específico do gosto dele. **Ele morde a boca da gente, vai nos devorando por dentro, diminui a suficiência individualista ser. Se dá uma verdadeira troca de posses pessoais.**^{xxiv}

Ora, é notável que o escritor paulista faz uma crítica severa à produção e extração do caju. Ele pondera e questiona, dessa maneira, a produção local desenfreada e tenta ao menos verificar a exploração capitalista. A nosso ver, o “processo de Economia” descrito por Mário retrata o desencadear de uma produção rentável e capitalista aos olhos burgueses. As “contribuições sociais”, para o leitor dessa crônica, acerca desse episódio extremamente econômico, ampliam várias discussões polêmicas. O trecho é poético e ao mesmo tempo filosófico, nas reflexões que o escritor possibilita, ao enxergar o processo reflexivo sobre o conceito fisiológico da própria fruta. É notável que o escritor paulista explora o sentido das palavras pragmaticamente estruturadas nos vocábulos “oferta”, “procura”, “venda”, e os mistura com o paladar da fruta, adjetivando o vocábulo com “doce”, ou seja, Mário mescla elementos que remetem ao tom insensível com sensível. Com efeito,



Mário decompõe, desestabiliza todos os efeitos sensoriais da fruta de maneira metafórica e progressiva. Nesse excerto de natureza sublime, parece que Mário toma seu desabafo e indignação como forma de conscientizar as pessoas sobre o processo de exploração ao meio ambiente. Mais importante dessa reflexão filosófica é quando Mário utiliza a ardência e o gosto do caju para simular a maneira como ela é devorada e instigada pelo capitalismo. Em resumo, na frase “troca de posses pessoais”, o escritor paulista também deixa nítido o espírito de competição e falta de solidariedade, alimentados pela busca incansável da riqueza, e ao mesmo tempo o distanciamento dos problemas alheios e da pobreza do outro.

Em uma crônica posterior e muito importante para aquilo que aqui defendemos, o próprio escritor Mário evoca a importância de suas reais contribuições e proximidade com o povo representado através de seus escritos. O leitor atento verifica que o escritor paulista está em pleno início do ano de 1929, marco inicial de um novo projeto de vida e recapitulação ou retrospectiva dos avanços que já fizera. Acreditamos que o grande mote revelado pelo escritor possa convencer seu grande otimismo e verificar que ainda sua respectiva missão não estava completa. Melhor dizendo, o escritor Mário reconhece seu dever a cumprir, para o qual deve refletir e se conscientizar de sua real intenção: a proximidade com o povo e seus aspectos sociais como fator de contribuição para a própria dignidade de seu povo, ou seja, a fiel retrospectiva daquilo que fizera e o balanço notório da real necessidade inspiradora de seus ideais vieram através destes dizeres mágicos e confidentes:

Está claro que uma das minhas observações mais carinhosas vai se dedicando ao homem-do-povo. Afinal, a situação das chamadas “classes inferiores” é boa ou ruim por aqui? Minha pergunta não cogita da felicidade, é lógico, mas da facilidade de vida porém. Vou dando as minhas observações embora as dê com certa reserva. Passeios que nem o meu servem quase nada: um socialista me afirmou que a situação dos proletários é medonha em Natal e um ricoço com psicologia de filho de senhor de engenho me garantiu que não tem pobreza na cidade.^{xxv}

Notamos, nesse fragmento significativo, a atitude de descortinar uma série de questões já discutidas nos capítulos anteriores e que inteligentemente remonta a nossa argumentação e defesa daquilo que o próprio Mário reconheceu desde a idade prematura. Como se sabe, a expressão “classes inferiores”



varia de valor semântico de região para região, de período histórico para outro, assim como o grupo seletivo de pessoas que comportam essa mesma classe (origem socioeconômica, renda, moradia etc.). Assim, a causa social e a defesa dos oprimidos ganham o tônus necessário para impulsionar seus outros escritos e ajudá-lo a tomar consciência de suas posteriores peregrinações culturais junto ao povo. Percebemos na expressão “certa reserva” que Mário aguardou o exato momento para restabelecer, através de suas convicções, mesmo acanhadas, sua missão de escritor e intelectual comprometido com as pessoas e sua nação. Mário não era sociólogo, mas manteve singular audiência para aqueles que mais detiveram as análises de seus respectivos povo e sociedade. Facilmente percebemos isso na expressão “um socialista me afirmou”. Ora, ao declarar isso, o escritor paulista mantém a postura de sujeito humilde e simples, consciente de seus reais limites no campo epistemológico. O vocábulo “ricaço” sugere a interpretação de uma burguesia interesseira e calculista, que vive às custas das massas. Ao ouvir o próximo, Mário delega a sabedoria para aqueles mais experientes e conhecedores da realidade local e demonstra conseqüentemente que não é detentor do real conhecimento que circunstancia seu trabalho. Pouco a pouco, ele condiciona seu olhar para enxergar ainda mais nitidamente os problemas alheios, como acontece em momento posterior, situado na mesma crônica:

Já contei que os mucambos do Recife me horrorizaram. A vida de habitação que levam aqueles milhares de trabalhadores e, meu Deus! Também de vadios, deve de ser pavorosa. No percurso da Great Western me pareceu que o físico humano baixou de saúde e simpatia na Paraíba. Mas carece notar que esta zona do Estado não era que nem atravessadas em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, cheias de engenhos e algodoais. Na zona rica da Paraíba inda não passei.^{xxvi}

Superada a reflexão filosófica, Mário se depara com outros problemas e mazelas que atingem principalmente homens menos privilegiados, que vivem em condições precárias de habitação. A efervescência espanta Mário de maneira singela e sem receio, ao descrever as condições locais. Ao viajar de trem pela empresa Great Western, pioneira na malha ferroviária nordestina, Mário observou com olhar de etnógrafo comprometido com não exagerar nas situações que povoavam aquela localidade. Apesar deste relato ser retroativo em relação ao que já tinha observado nos estados e municípios que



ficaram para trás, Mário não descartou a hipótese de analisar a real pobreza daqueles indivíduos que estavam à margem da sociedade. Outrossim, Mário utiliza a expressão “vida de habitação” para simular e projetar o esquema caótico e vicioso a que esses trabalhadores estavam submetidos. Parece que, utilizando metodologia comparativa, o escritor paulista pôde defender melhor sua investigação do social e tentar, com suas palavras, demonstrar as verídicas angústias que esse povo passava e, ao mesmo tempo, tolerava. Políticas ou não, as angústias acabavam também prejudicando o progresso e avanço para essas localidades. Tendo em vista que as políticas não remavam a favor do povo esquecido nos confins dessas remotas cidades, o jeito era apelar para o improviso e a própria resistência de encarar tudo aquilo como efeito predatório daquelas autoridades que não enxergavam a realidade dos outros, tampouco faziam questão de amenizar o problema. Sem política habitacional e sem políticas de saúde e trabalho, como esses proletários poderiam viver? Conformismo não era, pois Mário atesta que muitos reivindicavam melhorias, mas suas vozes não eram ouvidas nem lhes era ofertado algum tipo de audiência. Por outro lado, muitos ficavam na fileira daqueles marginalizados por uma civilização rica e cruel. Em outra passagem, é possível atestar a pobreza e os apertos no orçamento, inclusive Mário registra que os moradores caminhavam a pé alguns trajetos para economizar alguns trocados. Isso fica nitidamente comprovado em crônica do dia 02 de janeiro de 1929. Apesar de ser um dia depois do feriado de Ano Novo, Mário não deixou de abordar, em plena cidade de Natal, suas inquietudes em relação ao que assistia:

Em Natal, os bairros onde param os proletários são principalmente dois: o do Alecrim e Rocas. Também nas alturas da Lagoa Seca mora bastante operário que, devido à careza do bonde, come areia todo o dia pra atingir o centro da cidade, longe. Só no Alecrim moram pra mais de 12 mil almas. Rocas está situado em plena duna, movediça ainda.^{xxvii}

O escritor paulista percebe acentuadamente que a localidade dos operários aglomera o maior número de pessoas interessadas em economizar em todos os aspectos, inclusive na passagem do bonde. O registro documental desses nomes parece emblemático, já que Mário trata as pessoas como operários ou proletários. Ao incursionar por esses variados bairros pobres da cidade de



Natal, Mário notou um áspero abismo econômico que caía como grande meteoro, esmagando os pobres e massacrando-os sem piedade. A problemática maior é que não existia tábua de salvação nesse percurso tão cruel e quase sangrento. Mário não utiliza a palavra “areia” fortuitamente, mas, de modo figurativo, remete ao cardápio principal desses proletários, que sequer possuíam o dinheiro da passagem. Metaforicamente, o povo come areia porque não possui outra opção! Caminhar não mata ninguém, tampouco sacrifica suas resistências. Na verdade, o longo trajeto a pé possibilitaria uma série de vantagens para o bolso e para o físico desses carentes proletários, conseqüentemente, isso implica também em um senso de resistência às intempéries da natureza, possibilitando força física para o trabalho braçal. Ao que tudo indica, Mário impõe um olhar genuíno a esse tipo de situação e, ao mesmo tempo, coloca-se na condição do outro que precisa caminhar, para livrar-se da despesa da passagem e encarar a realidade dura e cruel dos menos privilegiados. Antes de fechar a análise, como mencionamos em linhas anteriores, podemos também ressaltar o estudo da crítica de Ancona Lopez sobre a mesma crônica, que esclarece que o escritor paulista ainda não dispunha das “relações de produção capitalista ou latifundiária”. A estudiosa frisa que Mário apenas apresenta o dado econômico, porém, faz isso como escapismo, ao não mencionar o papel do proletário na produção.^{xxviii} Contudo, a estudiosa não chega a mencionar, em sua análise, algumas considerações sobre os aspectos econômicos daquela região, importante peça para amenizar suas reflexões a esse respeito. Novamente, nos dizeres de Candido, Mário seria aquele escritor que exerce uma posição na sociedade que representa e da qual participa:

Isto quer dizer que o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público.^{xxix}

O trecho transcrito evidencia a função de Mário, como intelectual comprometido com a nação. Nos moldes de Antônio Candido, Mário seria aquele indivíduo que comporta uma



“posição relativa”, pois não somente escreve literatura para seus pares, mas amplia seus dizeres de seus escritos aos menos privilegiados, exercendo verdadeira *práxis* do cotidiano tão severo desses cidadãos. Quando Mário sente na pele que o preço da passagem do bonde é verdadeiramente alto, dado o baixo salário daqueles moradores, sua consciência fraterna se volta para uma possível indignação, gerada de uma espécie de “tensão”, nos moldes das palavras de Candido e, ao mesmo tempo, vontade de denunciar tais incongruências. A nosso ver, Mário consegue atingir a verdadeira “tensão” entre a criação literária de suas crônicas e seu público leitor ou aquele que estava a seu redor. Podemos postular que essa tensão é responsável por sua atitude de escrita, frente aos fatores externos que circunstanciavam seu ofício. Portanto, os dizeres de Candido iluminam com lucidez o papel do intelectual-escritor Mário, como indivíduo agindo em função do coletivo e da sociedade que representava.

Em última análise, as contribuições sociais de Mário de Andrade apontadas nesses fragmentos e episódios explorados em nossa análise são inestimáveis, pois revelam que os grandes pensadores e intelectuais precisam soltar as amarras e mergulhar no espaço geográfico alheio, e junto a isso buscar, nessa aproximação, alternativas para melhorar a vida dessas pessoas. Grosso modo, capitaneados pelas ideias de Mário, esses homens e mulheres desejavam uma revolução, e Mário sentia profunda vontade de colocar tudo isso em prática, urgentemente. Mário realizou um tensionamento, agindo por intermédio, propondo novas maneiras de enxergar e modificar aquela dura realidade. É lógico que o escritor modernista não teve autoridade para realizar tudo isso, mas é certo que, através de seus escritos, conseguiu propagar, de alguma forma, o desenvolvimento e o resultado de seu pensamento junto à sociedade e seus maiores problemas. Em suma, uma lista que reúna os principais pensadores do Brasil deve obrigatoriamente incluir o nome de Mário de Andrade, como membro de uma força cultural e revolucionária das formas artísticas e sociais.

Calculamos que o escritor Mário de Andrade talvez jamais tenha imaginado que algum dia um pesquisador de uma universidade brasileira formularia uma maneira de escrever um artigo que buscasse interpretar as “contribuições sociais”



em suas crônicas de viagens do inacabado livro *O turista aprendiz*. Não tivemos acesso à recepção dessas crônicas, publicadas naquela época, pelo leitor, no entanto, podemos calcular que, ao serem reeditadas no ano de 1976, graças ao empenho da fiel pesquisadora Telê Porto Ancona Lopez, naquele período e na atualidade, elas provocaram até mesmo o leitor menos experiente a refletir sobre um Brasil mais democrático e menos injusto no que tange às causas sociais. Mário mal sabia que esse projeto de livro e crônicas publicadas no Diário Nacional de São Paulo, entre os anos de 1928 e 1929, junto como outros textos e *Os filhos da Candinha* (1942), seria transformado em um livro oficial e digno de respeito por boa parte do universo acadêmico das ciências humanas. Mais importante disso é que esse assunto se consolidou após inúmeras leituras que evidenciaram e sugeriram um desempenho interpretativo dessas principais visitas às cidades e às indústrias do Nordeste brasileiro, certamente, fortalecidas pelo empenho do escritor paulista em realizar análise socioeconômica. Essas leituras identificaram, gradativamente, como essas contribuições sociais se sustentaram pela representação da população local. Essas contribuições, possivelmente, trouxeram mudanças e transformações em um período posterior, enxertadas de referências a melhorias que poderiam ser realizadas.

A obra *O turista aprendiz* é, mesmo inconscientemente, um estudo cultural e sociológico do Brasil, especificamente do Norte e do Nordeste, nos anos de 1928 e 1929, por isso, possibilitou e instigou as análises de Antonio Candido, Octavio Ianni, Silviano Santiago e brevemente a mencionada crítica do subalterno realizada por Spivak. Como já abordamos, em demasia, o escritor paulista não abandonou o povo e o popular de época, simplesmente sabia que todo esse acervo seria imprescindível para a formação e caracterização de seus registros, de suas crônicas de viagens e de sua fértil imaginação para romancear tudo aquilo que observou nas principais cidades visitadas. Por esse motivo, Mário não partiu da classe favorecida para representá-la em seus escritos, mas da classe subalterna, visualizando as mazelas, as precariedades, a exploração pelo trabalho escravo, a péssima condição de moradias e saneamento básico, enfim, o repertório social dos mais desfavorecidos ou afastados do progresso.

Certamente, nesse momento, a influência de suas “contribuições sociais” e de seu critério de juízo, com o qual compartilhou de forma fraterna, diante das dificuldades enfrentadas pela população.

Tais sugestões e direções de leitura procuram fornecer apoio e interpretação e gerar possíveis desdobramentos para outras crônicas em que o escritor paulista se empenhou em demonstrar, através de crítica, nossa própria sociedade.



ALGUMAS CONCLUSÕES

Apreciamos muito a teoria de Antonio Candido que repensa as relações do escritor e da sociedade já comentadas na introdução. Em outras palavras, Candido percorre um olhar investigativo para concatenar as teorias sociais que compartilham o ofício do artista-escritor, citando um vasto acervo teórico e também obras literárias que abordam esse aspecto tão importante para compreender o ofício do escritor, no próprio ato de fazer literatura. Através de tais formulações, percebemos que Mário comunga com o escritor Antonio Candido, o fato de acreditar que toda arte literária é baseada nas circunstâncias pelas qual o escritor está diretamente cercado, na tentativa de representar esse povo em palavras. O crítico Antonio Candido era amigo particular de Mário, e ambos foram grandes interlocutores no ambiente literário de época, especificamente no fim da vida do escritor, na década de 1940. Ora, assim como Candido, o modernista busca, através de seus escritos, situar aquele escritor que sempre pauta seus escritos na sociedade que ele representa. Por isso, a sociedade e o popular, na obra *O turista aprendiz*, têm maior significância, como aspecto de conteúdo indispensável para a sustentação do próprio trabalho de Mário.

Escritores de literatura de caráter social, como é o caso de Mário de Andrade na obra *O turista aprendiz*, sempre serão seres preparados para compreender o sentimento solidário humano de outras gerações, assim como a maneira como acontecem e irão acontecer suas representações literárias na “sua época e na sua nação”. O dever desse intelectual escritor que realizou perquirições sociais, conforme



rastreamos no segundo capítulo, cujo instinto ideológico não ficava indiferente ao drama de seu tempo, é fazer explodirem as contradições, desvelar os paradoxos que nos colocam diante de conflitos sem resposta aparente, indicar os caminhos sem saída. Nesse sentido, o intelectual Mário de Andrade conseguiu imortalizar seu nome e deixar marcas indeléveis na vitrine dos maiores intérpretes brasileiros, ao atingir a categoria de escritor inquieto com as angústias culturais e sociais desses Brasis. Não é à toa que uma recente publicação do crítico Silviano Santiago, intitulada *Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil*,^{xxx} revela a importância da compreensão dos modelos dos intelectuais para o caso brasileiro. Sem delongas e sem rodeios, Mário conseguiu resgatar, através das visitas às indústrias da Paraíba e do Rio Grande do Norte, uma espécie de revolução proletária que pudesse fazer vingarem melhorias aos outros protagonistas, conforme mencionamos anteriormente.

Provavelmente, podemos calcular que a obra *O turista aprendiz* inaugurou, na época em que foi lançada (1976), um novo estilo de pensar e imaginar a realidade literária e social brasileira. Igualmente, postulamos que esse estilo tipicamente modernista almejava explorar, de maneira etnográfica, a realidade que muitos outros viajantes conseguiram concluir. Sob vários aspectos, Mário desejou atingir uma gama de assuntos que chegaram a fugir de sua alçada de conhecimento: economia, sociologia, antropologia, enfim, essa diversidade “pegou carona” de maneira autodidata e vantajosa para seus escritos. Para lograr essa reflexão rigorosa, inclusive sobre novos parâmetros teóricos, Mário absorveu muito desses assuntos antes de viajar e visitar essas cidades. A originalidade desse estilo e desse modelo ensaístico de fazer literatura e crônicas de viagens foi arrematada por supostas influências já comentadas em páginas anteriores. Mário era um contumaz leitor, que se apoderava de vários conhecimentos e os incorporava em seus textos e pesquisas. À moda de seu tão comentado amigo Paulo Prado, possivelmente, Mário desejou realizar, na obra *O turista aprendiz*, algo como Prado fizera genuinamente em *Retrato do Brasil*. “O Retrato de Paulo Prado é certo que causou nele, excetuadas as bobagens está claro, a mesma reação causou na crítica oficial (!) brasileira. Mas também está convencido que vamos por uma formidável decadência

moral”,^{xxx} escreveu Mário, tecendo comentários críticos à recepção da obra por seu amigo.

Finalmente, concluímos que, dentro de uma possível leitura da obra *O turista aprendiz*, conseguimos vasculhar e remeter à luz esses fragmentos, mirando assim o foco da interpretação para além da estética literária e incorporando as novas realidades sociológicas e econômicas. Não sabemos se foi esse o objetivo planejado por Mário de Andrade, mas calculamos suas possibilidades de leitura ou possibilidades de criação literária. Queixamo-nos ainda de não ter uma interpretação totalizadora de seus objetivos como artista e membro eterno de nossa cultura. Outras investigações mais apuradas poderão apresentar respostas a curiosas indagações surgidas durante a leitura desta dissertação, assim como outros desdobramentos poderão tornar viáveis outras formas de pesquisa e investigação. Enfim, um cuidadoso e minucioso olhar sobre os manuscritos da obra *O turista aprendiz* e seus expressivos artefatos circunstanciais, produzidos na mesma época, seria uma trilha um tanto corajosa e desafiadora, por sinais obrigatórios, para aquele pesquisador destinado a postular novas hipóteses e genuínos estudos. Portanto, a obra de Mário de Andrade não se esgota com essas leituras, pois, ao mesmo tempo em que desenvolve a urgência vital do pensamento sociológico, lança os fundamentos para a própria projeção de tal pensamento.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Táxi e crônicas do Diário Nacional Táxi. Estabelecimento de Texto, Introdução e Notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976

ARRIGUCCI, David. *Enigma e comentário*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T&A Editor. 2000, LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. Duas Cidades, 1972.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. Diário de Bordo. In: ANDRADE, Mário. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.



Catarina. 2011. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/99260>.

SANTIAGO, Silvano. *Ora direis puxar conversa*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SANTIAGO, Silvano. Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro: Puc Rio, n.10, jan. 2005. Disponível em: <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n10_santiago.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

IMAGENS

Figura 1: Capa do livro: ANDRADE, Mário. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

THE SOCIAL CONTRIBUTIONS OF THE BOOK *O TURISTA APRENDIZ*, OF MÁRIO DE ANDRADE

Abstract: The work *O turista aprendiz* was created between the years 1928 and 1930, in the form of notebooks and travel chronicles. At first, the writer from São Paulo originally published these writings in the *Diário Nacional* newspaper, on the same dates. However, the official publication of the book came out after the texts were published in the newspaper, in an edition organized by Telê Ancona Lopez, almost fifty years later, in 1976. The objective of the article is to read and interpret the fragments that prove the approach of Mário de Andrade with the social ballast. As a contribution, the research carried out seeks an overview of the “social contributions” left in their chronicles. As a theoretical basis, we will dialogue

with the authors: Candido (2000); Lopez (1972); Santiago (2006), among others for the contemplation of the theme.

Keywords: Social Contributions, Travel Chronicles, O Turista Aprendiz, Mário de Andrade.



ⁱ O crítico Davi Arrigucci (1999, p.290) escreve: “Um notável trabalho de crítica textual, feito por Telê Porto Ancona Lopez, permite a quem lê o gradativo descobrimento da gênese dessa história: desde a mais funda origem, quando a situação vivida durante a viagem se incorpora à experiência do escritor, até todo o desdobrar-se do processo de composição, quando ela é visada diversas vezes em recortes diferentes de escrita e representação literária”.

ⁱⁱ Segundo a crítica Telê Porto Ancona Lopez (1994, p.69) o caráter fragmentário: “A falta de acabamento, o projeto incompleto em determinadas partes que o compõem, o preparo distante no tempo, paradoxal no presentificar o fluxo da criação na pena que correu ou na máquina que disparou, rabiscos e rasuras imediatos lutando pela sintonia entre ideias e execução, esquecido por vezes a gramática, valem como a memória que respalda o texto impresso, esclarecendo soluções mais elaboradas que nele se encontram. E ampliam, em suma, a compreensão da obra de um autor percebendo o desdobramento do ‘scriptor’ um leitor e crítico de Mário de Andrade”.

ⁱⁱⁱ Sobre o gênero híbrido atingido por Mário de Andrade, sua crítica Telê Ancona (1976, p.31) reforça: “Desde as primeiras declarações do escritor, ficam claras suas intenções quanto ao gênero do livro: um diário, cuja abertura para a narrativa de viagem visava não deixar escapar o peso de uma ótica impressionista, capaz de unir a referencial idade à poeticidade, transformando a experiência vivida (o sentido, o pensado, o biógrafo – o real, enfim), em um texto com finalidade artística que é burilado em termos de distanciamento no arte-fazer. O confessional do diário e o referencial pertencente ao dado de viagem, embora filtrados pela arte, ainda permanecem com elementos do real, dado o hibridismo do gênero mas a seu lado, firme, intromete-se a ficção. Diário de bordo. In: *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

^{iv} Telê Porto Ancona Lopez (1998, p.63) relata que: “O que diferencia a primeira viagem, à Amazônia, é que ela é programadamente um diário destinado a livro e não um conjunto de textos feitos diretamente para o jornal”. In: *O cronista Mário de Andrade*. São Paulo. 1992 (Tese de livre docência) – USP, São Paulo.

^v Informação contida da contracapa da obra *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

^{vi} Informações contidas no índice da própria obra *O turista aprendiz* e dele reproduzidas.

^{vii} Em variados momentos da obra *O turista aprendiz*, é possível verificar a mescla entre a realidade e ficção. Para fins de exemplificação disso, citamos a elaboração da tribo de Índios Do Mi Sol, em que fica nítida essa mescla (ANDRADE, 1976, p.129): “Mas, por intermédio desta tribo, poderei criar todo um vocabulário de pura fantasia”.

^{viii} Segundo o crítico Antonio Candido (1989, p.204): “A partir de 1930 houve uma ampliação e consolidação do romance, que apareceu pela primeira vez como bloco central de uma fase em nossa literatura, marcando uma visão diferente da sua função e natureza. A radicalização posterior à revolução daquele ano favoreceu a divulgação das conquistas da vanguarda artística e literária dos anos 20. Radicalização do gosto e também das ideias políticas; divulgação do marxismo; aparecimento do fascismo; renascimento católico. O fato mais saliente foi a voga do chamado ‘romance do Nordeste’, que transformou o regionalismo ao extirpar a visão paternalista e exótica, para lhe substituir uma posição crítica frequentemente agressiva, não raro assumindo o ângulo do espoliado, ao mesmo tempo em que alargava o ecúmeno literário por um acentuado realismo no uso do vocabulário e na escolha das situações”.

^{ix} RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Record, 2003.

^x ALMEIDA, José Américo. *A bagaceira*. São Paulo: Record, 2004.

^{xi} QUEIROZ, Raquel de. *O quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

^{xii} ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.259.

^{xiii} ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.306



- xiv ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.134.
- xv CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T&A Editor. 2000, p.25.
- xvi ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.120.
- xvii LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972. p.52.
- xviii Ancona Lopez (1972, p.165) situa sua consideração melhor, quando diz: “Os problemas sociais com base econômica, focalizados pela literatura popular que o escritor estudou valem como representação geral de situações vividas pelo povo brasileiro. Nesta representação não há investigações maiores de ordem casual, há apenas a descrição. Mas ela marca o entrosamento do homem ao meio, à região, ainda que de forma bastante primária, inconsciente, e serve de contraponto aos valores de outras estruturas economicamente mais adiantadas que tentam sem impor artificialmente. Descrição não quer dizer crítica em profundidade, mas os germens da crítica na criação literária o povo, como na sua versão a crise 1929”.
- xix ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.233.
- xx ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.84.
- xxi LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Diário de Bordo*. In: ANDRADE, Mário. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.42.
- xxii CANDIDO, Antonio. Op.cit., p.48.
- xxiii ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.133.
- xxiv ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.241. Grifo nossos.
- xxv ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.258.
- xxvi ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.258.
- xxvii ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.259.
- xxviii LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. Duas Cidades, 1972. p.52.
- xxix CANDIDO, Antônio. Op.cit., p.74.
- xxx SANTIAGO, Silviano. Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro: Puc Rio, n.10, jan. 2005. Disponível em: <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n10_santiago.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2011.
- xxxi ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.302.